

O Racismo Recreativo na Escola: um relato de experiência, desafios e intervenções necessárias

Tatiana Cristina Lopes Candido¹

Juliana Marcondes Bussolotti²

RESUMO: O racismo recreativo é uma forma de humor degradante que procura rebaixar pessoas negras, reforçando sua posição de inferioridade perante os brancos através de piadas e¹ apelidos pejorativos, muito comum em ambientes escolares. O objetivo deste artigo é analisar o racismo recreativo na escola através do relato de experiência de uma professora e posteriormente buscar possíveis intervenções através de uma revisão de literatura. A metodologia utilizada é descritiva através do relato combinada com uma revisão de literatura sobre racismo recreativo no ambiente escolar. No relato a professora detectou uma situação de racismo em sala de aula e deu o famoso “sermão” na turma, que gerou ainda mais conflitos. A experiência demonstrou que repreender e xingar não são estratégias eficazes para conscientizar os(as) alunos(as) sobre as atitudes racistas. Na revisão de literatura, as pesquisas destacaram o papel fundamental da escola no combate ao racismo, principalmente a liderança do(a) gestor(a) escolar. O recurso pedagógico mais eficaz para abordar o racismo e diversidade com os alunos(as) foram as rodas de conversa, pois permite escutar alunos(as) e perceber suas dores e angústias. O racismo só será realmente combatido no ambiente escolar quando as pessoas se incomodarem com a presença dele, para que isso aconteça é essencial promover o conhecimento, o interesse, o respeito e a empatia entre todos os membros da comunidade escolar.

Palavras-chave: Racismo recreativo; Rodas de conversa; Educação antirracista.

Recreational Racism at School: a report of experience, challenges and necessary interventions

ABSTRACT: *Recreational racism is a form of degrading humor that seeks to demean black people, reinforcing their position of inferiority to white people through jokes and derogatory nicknames, very common in school environments. The objective of this article is to analyze recreational racism at school through a teacher's experience report and subsequently seek possible solutions through a literature review. The methodology used is descriptive through reporting combined with a literature review on recreational racism in the school environment. In the report, the teacher detected a situation of racism in the classroom and gave the famous “sermon” to the class, which generated even more conflicts. Experience has shown that scolding and swearing are not effective strategies for raising students' awareness of racist attitudes. In the literature review, research highlighted the fundamental role of the school in combating racism, especially the leadership of the school manager. The most effective pedagogical resource to address racism and diversity with students was the conversation circles, as it allows listening to students and understanding their pain and anguish is fundamental. Racism will only truly be combated in the school environment when people are uncomfortable with its presence. For this to happen, it is essential to promote knowledge, interest, respect and empathy among all members of the school community.*

¹ Mestranda em Educação, Conhecimento e Sociedade pela Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS) de Pouso Alegre/MG. Professora em Educação Básica da Rede Estadual de Minas Gerais. E-mail: tatiana.candido@educacao.mg.gov.br. ID Lattes: 0102718117081313

² Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista. Professora coordenadora adjunta do Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté (UNITAU). E-mail: julianabussolotti@gmail.com ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-8560-0974>

Keywords: *Recreational racism; Conversation circles; Anti-racist education.*

Racismo Recreativo en la Escuela: un relato de experiencias, desafíos e intervenciones necesarias

RESUMEN: *El racismo recreativo es una forma de humor degradante que busca degradar a las personas negras, reforzando su posición de inferioridad respecto de las personas blancas a través de bromas y apodos peyorativos, muy comunes en los ambientes escolares. El objetivo de este artículo es analizar el racismo recreativo en la escuela a través del relato de experiencia de un docente y posteriormente buscar posibles intervenciones a través de una revisión de la literatura. La metodología utilizada es descriptiva a través de informes combinados con una revisión de la literatura sobre el racismo recreativo en el entorno escolar. En el informe, la docente detectó una situación de racismo en el aula y pronunció el famoso “sermón” a la clase, lo que generó aún más conflictos. La experiencia ha demostrado que regañar y decir malas palabras no son estrategias eficaces para concienciar a los estudiantes sobre las actitudes racistas. En la revisión de la literatura, la investigación destacó el papel fundamental de la escuela en la lucha contra el racismo, especialmente el liderazgo del director escolar. El recurso pedagógico más eficaz para abordar el racismo y la diversidad con los estudiantes fueron los círculos de conversación, ya que permite que los estudiantes sean escuchados y comprendan su dolor y angustia. El racismo sólo podrá combatirse verdaderamente en el entorno escolar cuando las personas se sientan incómodas con su presencia, para que esto suceda es fundamental promover el conocimiento, el interés, el respeto y la empatía entre todos los miembros de la comunidad escolar.*

Palabras clave: *Racismo recreativo; Círculos de conversación; Educación antirracista.*

Introdução

O racismo recreativo é uma violência contra crianças e jovens negros caracterizada pela transformação de suas características fenotípicas em piadas. Recentemente, através da Lei 14532/2023 o racismo recreativo passou a ser um ato criminoso e passível de prisão por até 5 anos. É um crime inafiançável e imprescritível. Segundo Fonseca (2012) a piada é um exemplo de como o racismo pode transitar na sociedade sem ser percebido. Tem o poder de causar dor, desumanizar o sujeito e fortalecer a visão preconceituosa contra os oprimidos. O criador do conceito racismo recreativo foi o brasileiro Adilson Moreira, que aborda a questão sob a ótica jurídica, visto que esse tipo de humor viola direitos humanos.

O ambiente escolar que deveria ser tranquilo e propício à aprendizagem, acaba sendo um ambiente de reprodução de preconceitos desde a infância, tornando um local de conflitos e pouco receptivo aos jovens. De acordo com informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), em 2023, dos nove milhões de jovens que não completaram o ensino médio, 71,6% eram pretos e pardos. Para fins de comparação, entre os brancos a porcentagem foi de 27,4%. Para o estudo, considerou-se o grupo etário de 14 a 29 anos. Na maioria dos casos,

o abandono é gerado pela necessidade do jovem em trabalhar, mas é inegável que um ambiente escolar tóxico contribui para essa enorme evasão.

Enfrentar uma situação que envolve o racismo recreativo na escola é um desafio complexo e delicado. É fundamental que a escola aborde esse tema com a seriedade que realmente merece, evitando simplificá-lo a mais um caso de bullying. O silêncio sobre o racismo e a discriminação racial nas diversas instituições escolares contribuem para naturalizar as desigualdades entre negros e brancos. Servem também para reproduzir e fortalecer os estereótipos que colocam o negro como sinônimo de raça inferior (Cavallero, 2006).

Neste artigo será apresentado um relato de experiência de uma professora do ensino médio da rede estadual de ensino da cidade de Pouso Alegre - MG, que enfrentou uma situação de racismo recreativo em sala de aula, descrevendo as ações de todos os envolvidos na história, analisando seus comportamentos e impactos.

O objetivo deste artigo é analisar uma situação que envolve racismo recreativo na escola através do relato de experiência e posteriormente buscar possíveis soluções através de uma revisão de literatura. Além disso, busca-se identificar as ações positivas no enfrentamento ao racismo na escola, que podem ser reproduzidas em outros locais, a fim de proporcionar um ambiente mais inclusivo, acolhedor e respeitoso para todos os alunos.

A metodologia inclui uma revisão de literatura sobre racismo recreativo na escola onde foram escolhidos dez artigos nas bases de dados Scielo e Google acadêmico e um relato de experiência. Teremos a descrição prática do problema e vários estudos sobre o assunto.

Combater o racismo nas escolas é essencial para que possamos ter mais inclusão, justiça social e igualdade de oportunidades. É responsabilidade de todos: educadores, alunos, família e sociedade, visando garantir que todos os alunos tenham um ambiente seguro e respeitoso.

1. Relato de experiência, Report of Experience

Sou professora da rede estadual, há muito anos, lecionando a disciplina de Física para todas as séries do Ensino Médio. Esse relato ocorreu em uma escola da rede estadual de ensino na cidade de Pouso Alegre - MG, durante a apresentação de experiências pelos alunos em um trabalho avaliativo da primeira série do Ensino Médio do turno matutino.

A apresentação estava sendo realizada por dois alunos, uma menina e um menino de mais ou menos 15 anos. O menino era negro e estava bem nervoso com a apresentação do seu

trabalho, lembro que as mãos dele até suavam. A experiência que ele tentava fazer era a construção de um eletroímã, que através da energia gerada pela pilha faz um fio ligado a um prego atrair pequenos objetos e ferro.

Durante a apresentação de trabalho, o aluno representante da turma sentou na primeira carteira e começou a tentar atrapalhar a apresentação, ora conversando, ora mexendo no celular, mesmo sendo advertido.

Com o nervosismo, inicialmente a experiência não deu certo e lembro que o aluno que estava apresentando o trabalho me falou: *“Professora, minha mão está suada e não estou conseguindo realizar a experiência”*. Foi aí que o aluno representante da turma fez um comentário, que para os alunos pareceu normal, mas que para mim, uma professora negra, foi muito preconceituoso.

O aluno disse: *“Professora, ele não está com a mão suada, ele é sujo”*. Um aluno chamar um menino negro de “sujo”, foi algo que não esperava e nem consegui reagir na hora, pois a apresentação de trabalho estava acontecendo. Após se acalmar, o aluno conseguiu fazer a experiência e até chorou no final. Ficou bem feliz e foi até comemorar com os colegas de classe.

Terminou a aula e fiquei com aquela frase na cabeça e procurei a supervisora e contei o ocorrido. Ela me disse: *“Se quiser fazer um registro por escrito no livro de ocorrência da escola, depois eu peço para ele assinar. Esses alunos não respeitam ninguém”*.

A próxima aula que tive nessa turma resolvi fazer uma intervenção, conversar com os alunos sobre discriminação e preconceito em sala de aula. Falar que um colega de sala é “sujo” não era brincadeira, que eram agressões que poderiam ferir outros colegas. Ninguém gosta de ser chamado de “sujo”.

Mesmo não citando o nome do aluno que fez o comentário racista, ele, sentado na última carteira, começou a xingar. Disse que chamava os colegas da forma que ele quisesse. Falei sobre respeito, mas ele não aceitou minhas explicações. Ao final da aula, uma aluna me disse: *“Professora pare de arrumar confusão com os meninos”*. O racismo é assim, quem reclama ou estava fazendo confusão a toa ou é *mimimi (reclamação a toa)*.

Me senti impotente, se eu como professora dessa turma, uma pessoa mais velha, não fui ouvida e ainda taxada e “arrumadora” de confusão, imagina a dificuldade que muitos alunos enfrentam no dia a dia em sala de aula. Por isso, muitas vezes preferem ignorar ou aceitar o adjetivo “sujo” como normal.

Um mês após o ocorrido, a mãe do aluno representante daquela turma, foi chamada à escola, pois seu filho havia desrespeitado a professora de português. Agora sim, a escola achou que a mãe deveria comparecer à escola. Não pela atitude racista contra o colega, que foi devidamente explicada por escrito na ocorrência, mas pelo grave desrespeito à professora.

Observei que a mãe era firme em alguns assuntos e branda com outros. Quando chegou a minha vez de falar sobre o comportamento do filho dela nas aulas, relembrei o fato do racismo praticado contra o colega. Ela disse “*Ah! É o caso do racismo! Ele tinha comentado comigo*” falou ela sorrindo, não demonstrando preocupação. A mediadora da conversa foi a vice-diretora da escola, que também não deu importância ao assunto. O aluno falou que tinha intimidade para chamar o colega de “sujo” e eu falei se ele gostaria que alguém chamasse a mãe dele de suja? A conversa encerrou aí, sem uma postura firme contra o racismo. A mensagem contra discriminação não foi passada.

Uma observação importante sobre as pessoas na reunião: uma vice-diretora, uma mãe, um aluno e a professora de português, todos brancos e eu a única pessoa negra na sala querendo falar sobre racismo.

O assunto, como mencionado, não teve sequência e perdemos uma ótima oportunidade para transmitir um ensinamento antirracista, que poderia ecoar até na casa com familiares do aluno e pela comunidade. Quantas vezes, nós professores, ouvimos comentários como: “macaco”, “negro sujo”, “ele fede”, “negro burro”, “cabelo duro” e nos calam, pois como disse na ocasião a aluna: pare de arrumar confusão. Quantas situações deixamos passar em nosso dia a dia em sala de aula para não arrumar confusão. Ao silenciar o racismo continua e vai se perpetuando.

2. Referencial teórico, Theoretical Framework, Marco teórico

Sankofa é um ideograma que representa um provérbio africano que significa “nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou para trás”. Ele nos ensina a retornar às nossas raízes, para compreender o presente e, assim, contribuir com um futuro melhor. Para combater o racismo atual precisamos entender suas origens históricas e sociais.

Com a chegada dos europeus ao continente africano século XVI, a escravidão atingiu marcas sem precedentes. Ficou conhecida como escravidão moderna, que além de explorar brutalmente a mão de obra dos escravizados, começou a surgir a racialização, um fenômeno que usava a origem étnica para discriminar pessoas. “O escravo deixa neste momento de ser

encarado como um desigual e passa a ser visto com um diferente, e esta é de fato uma das mais significativas violências simbólicas que pode se abater sobre um indivíduo escravizado (Barros, 2013, p. 211).

De acordo com Laurentino (2019) estima-se que aproximadamente 12,5 milhões de cativos foram embarcados nos navios negreiros, mas só 10,7 milhões chegaram aos portos americanos, sendo que metade deles desembarcaram no Brasil, era o maior e o mais internacional de todos os negócios do mundo

A escravidão terminou após a promulgação da Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888, com o seguinte teor:

Art. 1º: É declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brazil.

Art. 2º: Revogam-se as disposições em contrário.[...]

Transitou em 13 de Maio de 1888.-José Júlio de Albuquerque.

Segundo Eduardo e Sá Neto (2023), o texto de lei mencionado foi o único reconhecimento por 350 anos de escravidão e 35 gerações de vidas e autoestimas destruídas. A libertação dos escravos representou o fim do trabalho forçado, mas não houve nenhuma política de apoio ou inserção na sociedade. Os negros eram privados de oportunidades econômicas, integração social e direitos à cidadania. Em contrapartida, os empregos e moradias foram oferecidos a uma determinada parcela da população: os imigrantes europeus, numa tentativa de embranquecer² a população brasileira.

Conforme Moura (2014), depois da abolição, a população negra passa a ser estigmatizada pelo preconceito de cor em todo o território brasileiro. É desta época, também, a difusão das ideologias raciais e a criação do racismo no Brasil e os seus impactos no mundo do trabalho e nas formas de ocupação do território.

Esse preconceito de cor resultou da criação e propagação de pensamentos racistas, que influenciaram a forma como os negros eram vistos e tratados na sociedade. No campo do trabalho os negros eram mal remunerados, sem perspectivas de crescimento ou estabilidade no emprego e quanto ao acesso à terra e moradia foram forçados a viver em áreas degradadas (morros e favelas) com poucos recursos.

² Ideologia que era amplamente aceita no Brasil entre finais do século XIX e início do século XX, como a solução para o excesso de indígenas, mestiços e negros.

O racismo nasce da tentativa de afastar a ideia de poder e igualdade para a maioria da população brasileira que se tornou minoria sociológica. E o Brasil se estruturou nesse racismo, que tem sido extremamente eficiente, pois continua segregando pessoas desde a abolição até os dias de hoje.

Para o autor Almeida (2020, p. 47) as instituições são racistas porque a sociedade é racista. Uma das ações mais diretas que conseguimos identificar no racismo estrutural que construiu e validou sua influência é o apagamento das mais diversas culturas que possuíam.

O racismo travestido de brincadeira, é praticado por meio de piadas e chacotas, atitudes chamadas por Moreira (2019), de racismo recreativo. Os estudantes estão de certa forma perpetuando as ideias e pensamentos dos colonizadores, dos donos de latifúndios, dos senhores de engenhos, que representam a minoria da população, mas elite. As condições precárias de vida desses estudantes podem ter sido geradas graças aos autores desses pensamentos que eles estão defendendo e propagando, muitas vezes sem saber.

Se na época da escravidão tínhamos leis discriminatórias, hoje em dia temos leis que criminalizam a discriminação e o racismo. Temos a lei de cotas raciais para cursos superiores e concursos públicos federais, a lei 10639/2003 para estudo da história e cultura afrodescendente nas escolas. Mas não basta que as leis reconheçam a todos, formalmente, como iguais, se estruturalmente as crenças, os hábitos e as instituições diuturnamente promovem a desigualdade (Moreira, 2019, p. 65).

Por isso o papel da escola é imprescindível na luta antirracista, pois nossos estudantes passam em média quatro horas diárias em sala de aula, durante os duzentos dias letivos por ano e por vários anos, aprendendo conteúdos que podem contribuir para ampliar sua visão de mundo, desconstruindo preconceitos e promovendo a igualdade, educando as novas gerações sobre a importância do respeito a diversidade. Para que isso ocorra Gomes (2012, p. 102), afirma que se faz urgente:

Descolonizar os currículos é mais um desafio para a educação escolar. Muito já denunciamos sobre a rigidez das grades curriculares, o empobrecimento do caráter conteudista dos currículos, a necessidade de diálogo entre escola, currículo e realidade social, a necessidade de formar professores e professoras reflexivos e sobre as culturas negadas e silenciadas nos currículos.

Descolonizar conteúdos não é apagar a história e contribuições dos povos já estudados, mas ampliar essa narrativa, anexando as histórias e contribuições de negros e indígenas, que também são parte fundamental da história desse país.

3. Aspectos metodológicos, Methodological Aspects

A metodologia utilizada na pesquisa foi uma combinação de abordagem qualitativa, objetivo descritivo e levantamento bibliográfico, com uma cuidadosa análise dos artigos escolhidos para a revisão de literatura.

A revisão de literatura foi realizada em maio de 2024 através de buscas nas bases Scielo e Google acadêmico. Foram utilizadas as palavras-chave: “racismo”, “recreativo”, “escola” a partir do ano de 2020 em português. A escolha desse período deve-se ao fato da expressão “racismo recreativo” ter sido publicada pelo jurista Adilson Moreira em sua obra em 2019.

Uma busca inicial resultou em 2250 estudos, porém a maioria abordava o tema racismo de forma geral e não atendia ao objetivo deste artigo. Por isso, somente 20 artigos foram selecionados para uma leitura completa e, finalmente, 10 estudos foram escolhidos para a revisão de literatura. Nem todos os artigos abordam o racismo recreativo diretamente, mas foram selecionados por apresentarem boas propostas de intervenção sobre o racismo no ambiente escolar.

Para análise dos dados foram utilizados elementos da análise de conteúdo, compreendida como sendo um conjunto de instrumentos metodológicos sutis e em constante aperfeiçoamento, sendo aplicado a discursos diversificados ou, de forma simplificada, “[...] a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (Bardin, 2011, p. 37). Ela nos permite interpretar dados qualitativos, buscando padrões, temas e significados nas informações. Inicialmente os dados foram codificados em três categorias principais: objetivos, atividades desenvolvidas e resultados. Em seguida, a categorização foi agrupada por objetivos comuns e atividades realizadas, conforme tabelas a seguir.

4. Análises dos artigos, Analyses of the Articles, Análisis de los artículos

Os estudos escolhidos para este artigo foram fundamentais para compreensão do racismo recreativo no ambiente escolar. Foram criadas três categorias: objetivos, atividades desenvolvidas e resultados.

Quadro 1 - Síntese dos Artigos: objetivos, atividades e resultados"

<i>Autores(as), estado e ano de publicação</i>	<i>Título da obra</i>	<i>Objetivos</i>	<i>Atividades desenvolvidas</i>	<i>Resultados</i>
1-TOMAZ, Camila Reis; SOUZA, Pammella Casimiro; BARBOSA, Lidiane Santos; SILVA, Renato Mendonça Barreto da; VINOLO, Bernard de La Vega. Rio de Janeiro 2022	<i>Sesc e o racismo recreativo na escola: recreio antirracista em curso</i>	Aumentar a consciência crítica sobre racismo recreativo entre os estudantes. Como identificar e enfrentar essas manifestações de racismo.	Curso de curta duração chamado: Racismo Recreativo: o que é, como identificá-lo e suas abordagens em esportes coletivos” ministrado em uma escola da zona norte do Rio de Janeiro para mais de 100 estudantes. Foi realizada uma roda de conversa com os alunos, que aos poucos foram contando suas histórias sobre racismo.	O projeto foi bem sucedido, pois os estudantes participaram e aprenderam sobre racismo recreativo.
2-SOUZA, Rayanne Carneiro Ceará 2022	<i>Relato de experiência: uma discussão sobre o</i>	Apresentar um relato de experiência vivenciado pela autora e	Evento para mais de 150 pessoas, uma ação pedagógica permeada de reflexão, emoção, silêncio, escuta e	São ações como as desenvolvidas nessa escolas que contribuem para construção de uma

	<i>racismo recreativo na escola</i>	trazer o seguinte questionamento: Quais situações racistas estão presentes na vida e no convívio escolar?	acolhimento de discentes e docentes. Teve apresentações de teatro, rodas de conversa e vídeo com relatos dos alunos sobre racismo.	identidade étnico racial e desconstrução do racismo e a discriminação.
3- MUINO, G. T. B. .; FERREIRA, E. dos S. .; VIEIRA, J. J. Rio de Janeiro 2023	<i>Racismo recreativo na escola: um relato de um Programa Educação Tutorial</i>	identificar as diferentes manifestações de racismo em sala de aula	Crianças do 2º ano do ensino fundamental utilizaram vídeos educativos, debates e dinâmicas que valorizam a negritude.	Importância da equidade na escola e do comprometimento dos professores. Imprescindível a escuta da voz dos alunos .
4- Nascimento, E. B., Souza, M. C. R. F. de, & Paula, F. C. de. Minas Gerais 2022	<i>Racismo recreativo nos corpos-território de adolescentes negras na escola</i>	Trazer à visibilidade a utilização do humor como mecanismo do racismo estrutural e as marcas deixadas nos corpos-território de adolescentes	O material empírico foi produzido em oficinas temáticas e as narrativas foram trazidas pelas 12 estudantes, participantes da pesquisa, As adolescentes denunciam os silenciamentos da escola frente a esse	Dos 12 participantes 10 narraram histórias com racismo recreativo na escola, As “piadas da cor” foram muitas vezes mencionadas. É comum ouvirem em sala de aula os apelidos “gorila”,

		negras, uma escola pública da cidade de Governador Valadares — MG.	tipo de “humor”	“macaca” e “chimpanzé”. Os constrangimentos afetam a autoestima dos alunos e causam dores e sofrimento. Os jovens denunciam o silêncio da escola que se torna um ambiente hostil.
5- OLIVEIRA, Elissânia da Silva Dissertação Ceará 2022	<i>“É só de brincadeira, tia!” Racismo recreativo em apelidos, piadas e brincadeiras no ambiente escolar</i>	Entender como as imagens dos negros se estruturam no universo escolar através do humor	Foram aplicados questionários e formulários diagnósticos para entender o que os alunos sabem sobre: racismo, discriminação e preconceito. Os resultados foram usados para construir uma sequência de aulas de Sociologia. Tiveram quatro rodas de conversa, oficinas e documentários.	Imprescindível que os estudantes sejam respeitados dentro e fora da escola. Que nenhum aluno tenha que passar pelo racismo recreativo e que os professores não encarem essa discriminação como uma forma de brincadeira.
6- SILVA,	<i>Cenas de racismo na</i>	Investigar situações de	Foi dividida em duas etapas online: A	A principal queixa dos alunos foi

<p>M. M. da; SILVA, J. W. de S.; SILVA, R. A. da</p> <p>Pernambuco 2023</p>	<p><i>escola: discursos dos/as jovens do Sertão do Pajeú</i></p>	<p>racismo vivenciadas e/ou presenciadas pelas/os jovens do Sertão do Pajeú, na busca de construir estratégias para uma educação antirracista.</p>	<p>primeira:investigação do perfil dos alunos através de um questionário via google forms com 30 questões de múltipla escolha e uma questão aberta sobre racismo e a segunda foram rodas de conversa via google meet com base nas informações dos questionários respondidos.</p>	<p>referente ao cabelo, muito vezes dito como “ruim” em tom de brincadeira. Dificuldade em identificar sua etnia, dificuldade em se autodeclararam negros. A partir desse projeto surgiu outro, que continua sendo trabalhado na escola, utilizando a literatura de autoria negra.</p>
<p>7- PITTA, Victoria Dos Santos Da Rocha</p> <p>Bahia 2023</p>	<p><i>Consciência, cor e artes: racismo na escola</i></p>	<p><i>Abordar questões de diversidade, identidade e racismo no ambiente escolar</i></p>	<p>Foram realizadas quatro aulas: análise de expressões racistas, assistiram ao video: Somos todos Humanae Youtube) e análise do livro “Um sonho no caroço de abacate”.</p>	<p>Mudanças de atitude, promoção da igualdade e combate ao racismo são processos contínuos.</p>
<p>8-FREITAS, Elenir</p>	<p><i>Educação Antirracista</i></p>	<p>Investigar na literatura</p>	<p>Revisão de literatura, onde foram</p>	<p>Principais dificuldades para</p>

Fagundes Santos; HASHIZUM E, Cristina Miyuki; OLIVEIRA, Ezequiel de. São Paulo 2023	<i>na escola: prática para a equipe gestora</i>	acadêmica o quanto o conhecimento sobre educação antirracista pode contribuir para a prática da equipe gestora.	selecionados estudos entre 1970 e 2021. Foram analisados 12 trabalhos.	implantação educação antirracista na escolas foram: Falta formação dos professores, debates sobre relações raciais, mudança de paradigma, desumanização, exclusão e desinformação.
9-COSTA, Luciano de Oliveira; ROCHA, José Cláudio; SANTOS, Carla Liane N. dos. Bahia 2020	<i>Memorial virtual Pérolas Negras do Rio Aliança: uma ferramenta pedagógica interdisciplinar no fortalecimento da identidade negra na educação profissional do/no campo</i>	Evidenciar o desafio que representa o ensino e aprendizagem para as relações raciais, propondo novos instrumentos pedagógicos.	Utilização de recursos tecnológicos, como ferramenta pedagógica, para educação para a diversidade Foi desenvolvida uma página na internet intitulada Memorial virtual Pérolas Negras contendo documentários e reportagens realizadas pelos alunos	Valorização da história do povo negro, fortalecimento da autoestima e transformação social

<i>10- Matos, Bispo e Lima Bahia (2020)</i>	Educação antirracista e a lei 10639: uma proposta de implementação a partir do novembro negro do IFBA	Contribuir para o cumprimento da lei nº 10.639/03 que tornou obrigatório nas escolas públicas e privadas o ensino de história e cultura africana.	Pesquisas etnográficas das comunidades negras da região e produção de documentários sobre as comunidades quilombolas, mostras de fotos e pesquisas com os alunos do campus sobre ações afirmativas e percepção do racismo na instituição.	Desde 2011, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) campus Vitória da Conquista promove atividades que representam um ponto de partida .O Novembro Negro foi incorporado ao cotidiano da instituição.
---	---	---	---	---

Quadro elaborada pela autora, 2024

A partir das informações da tabela pudemos identificar aspectos comuns nos estudos quanto às categorias apresentadas.

Quadro 2 - Objetivos comuns nos artigos selecionados

	Conscientizaçã o sobre racismo recreativo	Relatos e experiências pessoais	Visibilidade e impacto do racismo estrutural	Desenvolvimen to de ferramentas pedagógicas
Objetivos	Tomaz <i>et al.</i> (2022)	Souza (2022)	Nascimento <i>et al.</i> (2022)	Costa <i>et al.</i> (2020)
	Muino <i>et al.</i> (2023)	Nascimento <i>et al.</i> (2022)	Oliveira (2022)	Matos <i>et al.</i> (2020)

	Pitta (2023)	Silva <i>et al.</i> (2023)		
	Oliveira (2022)			

Quadro elaborado pela autora, 2024.

Analisando os artigos selecionados encontramos aspectos comuns em seus objetivos conforme descrição abaixo:

1-Conscientização sobre racismo recreativo: A maioria dos estudos tem como objetivo identificar situações que envolvam o racismo recreativo na escola e como combatê-lo. Como é um conceito novo, os estudos sugerem grande necessidade de iniciativas educacionais sobre o tema.

2-Relatos de experiências pessoais: Esses estudos apresentam relatos de experiências dos alunos, vítimas de racismo recreativo nas escolas. Isso destaca a importância das escolas estabelecerem canais seguros de comunicação com os alunos.

3-Visibilidade e impacto do racismo estrutural: Estudos apontam como o humor pode ser usado para estruturar o racismo, mesmo de forma sutil.

4-Desenvolvimento de ferramentas pedagógicas: Projetos que usam a tecnologia como ferramenta pedagógica no ensino da diversidade e combate ao racismo

Quadro 3 - Aspectos comuns no desenvolvimento de atividades

	Rodas de conversa e debates	Produção de material educativo (vídeos, documentários e oficinas)
	Tomaz et al. (2022)	Oliveira (2022)

Atividades desenvolvidas	Souza (2022)	Costa et al. (2020)
	Muino et al. (2023)	Matos et al. (2020)
	Silva et al. (2023)	
	Pitta (2023)	
	Nascimento et al (2022)	

Quadro elaborada pela autora, 2024

A maioria dos estudos trouxeram os debates e as rodas de conversa como mecanismos importantes de informação e comunicação, que permite troca de conhecimentos e participação ativa dos envolvidos. É dar voz aos que são realmente excluídos.

Outras propostas usadas: exposições de fotos, vídeos, leituras, o que permite grande reflexão sobre os temas.

Quadro 4 : Síntese de avaliação dos resultados dos estudos

Avaliação dos resultados	Maior conscientização	Denúncia e discussão sobre racismo	Fortalecimento da identidade Negra
	Tomaz et al. (2022)	Nascimento et al. (2022)	Costa et al. (2020)
	Pitta (2023)	Silva et al. (2023)	Matos et al. (2020)

As intervenções apresentadas nos estudos geraram mais conscientização sobre racismo recreativo, aumento nas discussões sobre o tema e fortalecimento da identidade dos alunos.

5. Discussões, desafios e estratégias de enfrentamento, Discussions, Challenges, and Coping Strategies, Discusiones, Desafíos y Estrategias de Afrontamiento

O relato de experiência trouxe uma situação muito comum vivida em sala de aula. Crianças e adolescentes tendem a colocar apelidos uns nos outros e falar das características físicas em tom de brincadeira. Cabe ao professor(a) ficar atento(a) aos tipos de brincadeiras, que podem gerar constrangimentos e conflitos e intervir em situações que envolvam o bullying e racismo em sala de aula.

A professora identificou a atitude racista do aluno e deu o famoso “sermão” na turma, que se fez necessário, pois este tipo de atitude não pode passar despercebida. Mas o sermão, mesmo educativo, não veio acompanhado de nenhuma intervenção pedagógica, que nesse caso, seria necessária, visto que a turma de alunos não aprendeu nada com a situação. O conflito que ocorreu foi importante, pois é através dos conflitos que podemos repensar atitudes para nos tornarmos seres humanos melhores. O desafio é escolher a intervenção pedagógica mais adequada para o conflito que ocorreu em sala de aula.

A equipe gestora poderia ter auxiliado e orientado a professora para a escolha da melhor prática nesse caso. Ela procurou a supervisora pedagógica e a vice-diretora, que nada fizeram, pois não compreenderam a seriedade do caso. É essa neutralidade da escola que permite que os conflitos continuem e que situações mais graves possam surgir.

De acordo com Freitas, Hashizume e Oliveira (2023) a educação antirracista é uma possibilidade de ampliar o conhecimento e favorecer escolhas para reconhecer e lidar com o racismo na escola. A escola inicialmente, deve assumir uma posição antirracista bem clara e assegurar que todos os funcionários saibam da Lei 10639 e suas diretrizes e que o Projeto Político Pedagógico seja sintonizado com a lei.

O ideal seria que as escolas afixassem, ao lado dos cartazes com as regras da instituição, cartazes com mensagens de: “Basta ao racismo” e que “Racismo é crime”. Isso deixaria clara a posição da escola de combate a discriminação e o racismo. A gestão escolar deveria se preocupar com a capacitação de seus profissionais e ficar atenta quanto a aplicação da Lei 10639. É através do conhecimento e valorização da história e cultura africana e afro-brasileira que combateremos esse monstro chamado racismo.

Outros caminhos que poderiam ser trilhados seria inicialmente a professora realizar com a turma de alunos um questionário diagnóstico. É necessário saber, antes de qualquer

intervenção, qual é o nível de conhecimento que os estudantes têm sobre o assunto. Isso facilitará a elaboração de uma proposta pedagógica

A partir daí, o céu é o limite, poderão ser usadas na intervenção pedagógica atividades citadas na revisão de literatura deste artigo como: vídeos, palestras, elaboração de página na internet, pesquisas de campo etc.

A intervenção pedagógica mais citada nos trabalhos de revisão de literatura foi a roda de conversa. Ouvir os estudantes tem se mostrado essencial. As escolas poderiam estabelecer canais que facilitassem o diálogo com os alunos, principalmente para aqueles que estejam sofrendo algum tipo de violência. Será um processo, os alunos devem sentir-se seguros para conseguirem expor seus sentimentos. Não será um assunto fácil, conversar sobre preconceitos e discriminação requer romper barreiras tanto para o(a) professor(a) quanto para os alunos(as). Mas será gratificante para todos.

Após a intervenção, o processo não termina. Ela deverá se tornar uma rotina e não um evento esporádico. Diferente do que assistimos nas novelas e filmes, onde o final é feliz e perfeito, a realidade é que outros conflitos aparecerão e o professor(a) estará lá para apoiar seus alunos(as). Será uma luta contínua e temos que ter várias armas, como currículo inclusivo, textos com valorização da identidade negra e sanções em caso de práticas racistas. A luta antirracista terá sucesso se conseguir chegar as famílias e a comunidade.

Conclusão

Este artigo teve como objetivo analisar o racismo recreativo em uma escola através do relato de experiência e buscar possíveis soluções através de uma revisão de literatura. Foram dez pesquisas analisadas e todas destacam a importância da escola na construção de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade e combatam o racismo.

Almeida (2020, p. 51) adverte que “[...] entender que o racismo é estrutural, não como um ato isolado de um indivíduo ou de um grupo, nos torna ainda mais responsáveis pelo combate ao racismo e aos racistas”. Todos nós precisamos trabalhar juntos para mudar as estruturas sociais que permitem que o racismo continue existindo.

A participação de todos os funcionários, principalmente a gestão escolar através do diretor(a) e equipe pedagógica são essenciais no processo. Ter uma escola com uma direção pedagógica comprometida com a educação antirracista é primordial. São os diretores(as) que poderão organizar o regimento interno, contendo todas as medidas que podem ser tomadas pelos

(as) professores(as) em situações envolvendo racismo recreativo. Eles(as) também são responsáveis por incorporar ações antirracistas no Projeto Político Pedagógico da escola, exercendo o papel de liderança nessa luta tão importante.

O racismo recreativo não deve ser visto como uma questão isolada, mas como reflexo do racismo institucional, que permeia as escolas. A neutralidade e o silêncio pedagógico da escola contribuem para a perpetuação do racismo.

Para Cavalleiro (2001):

A ausência de atitude por parte dos professores (as) sinaliza à criança discriminada que ela não pode contar com a cooperação de seus/suas educadores/as. Por outro lado, para a criança que discrimina, sinaliza que ela pode repetir a sua ação visto que nada é feito, seu comportamento nem sequer é criticado. A convivência por parte dos profissionais da educação banaliza a discriminação racial. (p. 146)

Se um estudante, como no relato de experiência, acha normal chamar um colega negro de “sujo” e a escola como instituição educadora não enxerga essa atitude como racismo, concluímos que a escola, nesse caso, acaba por legitimar e naturalizar a situação. Portanto, é essencial que as escolas adotem uma postura ativa na identificação e combate ao racismo.

Segundo Faro e Pereira (2011) A discriminação apresenta diversas consequências para a vida dos jovens estudantes, nos âmbitos econômico, social, psicológico e biológico. Isso leva o indivíduo a ocupar diferentes posições na estrutura social e, conseqüentemente, variabilidade do privilégio de obter bens e serviços limitados no meio social.

Os apelidos pejorativos e o ambiente hostil criado por essas situações não só abalam a autoestima, mas também dificultam o desenvolvimento escolar e emocional dos estudantes.

A conscientização dos colegas e professores, além de normas escolares claras contra o racismo, são passos importantes para melhorar essa situação e encorajar os jovens a buscar apoio quando necessário.

A maioria das pesquisas analisadas utilizaram as rodas de conversa como recurso pedagógico para falar sobre racismo e discriminação com os alunos e alunas. Essas conversas foram coordenadas por pessoas que desenvolveram algum projeto e não eram funcionários da escola. Sabemos que seria excepcional que todas as escolas pudessem ser escolhidas por estudantes de faculdades para desenvolvimento de trabalhos, mas a realidade não é assim. Por isso, as rodas de conversa poderão ser realizadas durante as aulas, por isso a formação contínua dos educadores é tão importante.

Para falar sobre a história e a cultura africana e afro-brasileira, conforme orienta a Lei 10639/2003, é imprescindível o conhecimento adequado para que as discussões sejam enriquecedoras. Além disso, é fundamental que o educador(a) realmente acredite e valorize a diversidade racial, étnica e cultural presentes na sociedade e que assuma uma postura antirracista no dia a dia escolar.

Segundo Cavallero (2001):

Realizar uma educação antirracista é transformar o cotidiano escolar, fazendo, impreterivelmente, uma reflexão profunda sobre o que sentimos e como agimos diante da diversidade. Só o conhecimento dos nossos sentimentos e a elaboração de formas de lidar com a diversidade possibilita uma distribuição igualitária dos afetos e estímulos no espaço escolar. Ou seja, é preciso providenciarmos um cotidiano acolhedor para todas as crianças presentes na escola, atentando para suas especificidades e dos adolescentes pertencentes aos grupos discriminados (p.155).

O racismo só será realmente combatido no ambiente escolar quando as pessoas se incomodarem com a presença dele, mesmo que de forma sutil. ***Um incômodo que os leve a ação!***

A população negra foi privada do conhecimento da sua história, que deveria ter sido sempre ensinada nos bancos escolares. ***Essa é uma dívida que temos com nossos alunos!*** Por isso é tão importante que o currículo escolar deixe de ser eurocêntrico e a história de resistência e luta do povo negro seja realmente valorizada

Um(a) aluno(a) negro que realmente conhece a sua história e valoriza sua identidade não deixaria que ninguém comparasse a cor da sua pele com algo “sujo” ou suas características físicas a de animais e não se sentiria inferior a ninguém. ***A escola precisa empoderar (dar poder) a esses jovens!***

Diante do exposto, vimos que valorizar a diversidade étnica, racial e cultural nas escolas é muito importante, pois é uma das armas para acabar com o racismo recreativo. Agora surgem novas questões para pesquisa: Como trabalhar essa diversidade em cada disciplina? Como transformar um projeto de valorização cultural, realizado em datas comemorativas, em ações durante todo o ano letivo, como feito no projeto *Novembro Negro*, realizado pelo Instituto Federal da Bahia? Como engajar a equipe escolar para uma educação antirracista? Como desenvolver rodas de conversa com alunos da educação básica? Como envolver a comunidade na luta contra o racismo? Temos uma longa caminhada, que seja repleta de incômodos que nos leve a ações!

Referências

- ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural: feminismos plurais*. Coordenação Djamila Ribeiro. São Paulo: Jandaíra, 2020.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: 70, 2011.
- BARROS, José D'Assunção. Escravidão clássica e escravidão moderna: desigualdade e diferença no pensamento escravista – uma comparação entre os antigos e os modernos. *Ágora: Estudos Clássicos em Debate*, n. 15, p. 195–230, 2013.
- CAVALLEIRO, Eliane. *Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001.
- CAVALLEIRO, Eliane. Introdução: diversidade étnico-racial na escola. In: *Orientações e ações para educação das relações étnico-raciais*. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.
- COSTA, Luciano de Oliveira; LIANE, Carla; ROCHA, José Cláudio. Memorial virtual: Pérolas Negras do Rio Aliança – Um território a ser explorado... In: II Congresso Internacional Interdisciplinar em Extensão Rural e Desenvolvimento. *Anais*. Juazeiro (BA): UNIVASF, 2019. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/ciierd2019/211269-MEMORIAL-VIRTUAL--PEROLAS-NEGRAS-DO-RIO-ALIANCA-UM-TERRITORIO-A-SER-EXPLORADO>>. Acesso em: 10 jun. 2024.
- EDUARDO, Domingos Amândio; SÁ NETO, Clarindo Epaminondas de. Projeto de embranquecimento da população brasileira e os efeitos sociais da utilização do direito como instrumento de segregação racial. *Diké (Uesc)*, v. 22, n. 24, p. 619–644, jul./dez. 2023.
- FARO, André; PEREIRA, Marcos Emanuel. Raça, racismo e saúde: a desigualdade social da distribuição do estresse. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 16, n. 3, p. 271–278, 2011.
- FONSECA, Dagoberto José. *Você conhece aquela? A piada, o riso e o racismo à brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2012.
- FREITAS, Elenir Fagundes Santos; HASHIZUME, Cristina Miyuki; OLIVEIRA, Ezequiel de. Educação antirracista na escola: prática para a equipe gestora. *Dialogia*, n. 45, p. e23209, 2023. DOI: 10.5585/45.2023.23209. Disponível em: <<https://uninove.emnuvens.com.br/dialogia/article/view/23209>>. Acesso em: 10 jun. 2024.
- GOMES, Laurentino. *Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal à morte de Zumbi dos Palmares*. v. 1. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.
- GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*, v. 12, n. 1, p. 98–109, 2012.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Relatório sobre Educação no Brasil*, 2023. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/educacao-2023>>. Acesso em: 5 maio 2024.
- MATOS, Maurício Sousa; BISPO, Ana Mary Costa; LIMA, Elane Andrade Correia. Educação antirracista e a Lei 10.639/03: uma proposta de implementação a partir do novembro negro do IFBA. *Holos*, v. 2, p. 349–359, 2017. DOI: 10.15628/holos.2017.4861. Disponível em: <<https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/4861>>. Acesso em: 4 jul. 2024.

MOURA, Clóvis. *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*. 5. ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2014.

MOREIRA, Adilson. *Racismo recreativo*. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.

MUINO, G. T. B.; FERREIRA, E. dos S.; VIEIRA, J. J. Racismo recreativo na escola: um relato de um Programa Educação Tutorial. *Peer Review*, v. 5, n. 1, p. 292–310, 2023. DOI: 10.53660/prw.157.uni150. Disponível em: <<https://peerw.org/index.php/journals/article/view/157>>. Acesso em: 6 jun. 2024.

NASCIMENTO, E. B.; SOUZA, M. C. R. F. de; PAULA, F. C. de. Recreational racism on the body-territory of Black adolescent girls in school. *SciELO Preprints*, 2023. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.5854. Disponível em: <<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/5854>>. Acesso em: 10 jun. 2024.

OLIVEIRA, Elissânia da Silva. “É só de brincando, tia!” *Racismo recreativo em apelidos, piadas e brincadeiras no ambiente escolar*. 2022. 100 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

PITTA, Victoria Dos Santos Da Rocha et al. Consciência, cor e artes: racismo na escola. In: *Anais do IX ENALIC*. Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/103163>>. Acesso em: 10 jun. 2024.

SILVA, M. M. da; SILVA, J. W. de S.; SILVA, R. A. da. Cenas de racismo na escola: discursos dos/as jovens do Sertão do Pajeú. *Revista ELO – Diálogos em Extensão*, v. 12, 2023. DOI: 10.21284/elo.v12i.14988. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/elo/article/view/14988>>. Acesso em: 10 jun. 2024.

SOUZA, Rayanne Carneiro De et al. Relato de experiência: uma discussão sobre o racismo recreativo na escola. In: *Anais da XII Semana de Reflexões sobre Negritude, Gênero e Raça dos Institutos Federais (SERNEGRA)*. Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/102640>>. Acesso em: 24 maio 2024.

TOMAZ, Camila Reis et al. Sesc e o racismo recreativo na escola: Recreio antirracista em curso. *Temas em Educação Física Escolar*, v. 7, n. 1, 2022.

Recebido em: setembro de 2024.

Parecer em: setembro de 2024.

Publicado em: outubro de 2024.